



## TEMPO NARRADO E ESPAÇO CONSTRUÍDO: APROXIMAÇÕES COM O PENSAMENTO DE RICOEUR

Hugo Leonardo Marandola <sup>1</sup>  
Alex Ander de Souza Orengo <sup>2</sup>  
Sylvio Fausto Gil Filho <sup>3</sup>

### RESUMO

Como compreender a constituição de espacialidades e sua contribuição para a compreensão de uma determinada realidade geográfica? Na busca de alternativas que nos auxiliem nessa tarefa, propomos uma aproximação com a hermenêutica de Paul Ricoeur, mais especificamente com sua concepção de tripla *mimesis* cunhada em “Tempo e narrativa” e sua relação entre tempo narrado e espaço construído, essa última, proposta no texto “Arquitetura e narratividade”. Segundo o próprio filósofo francês, o espaço construído pode ser compreendido a partir de seus elementos narrativos, onde haveria a possibilidade de interpretar a constituição de espacialidades a partir da tripla *mimesis*, ou a partir do papel mediador da configuração (*mimesis* II) entre a prefiguração (*mimesis* I) e a refiguração (*mimesis* III). Para tanto, consideramos que a narrativa é eivada de memórias, que não são necessariamente sucessão, são presentificações narradas de um determinado momento, destacando-se essa relação entre a memória do fenômeno passado presentificada por uma relação narrativa e espacial. O desafio que nos colocamos a seguir é refletir na possibilidade de a tripla *mimesis* compor como procedimento para compreensão de narrativas que configuram espacialidades.

**Palavras-chave:** Espacialidades, Tripla *mimesis*, Fenomenologia; Geografia Cultural, Hermenêutica.

### ABSTRACT

How to understand the spatialities constitution and their contribution to understanding of a specific geographic reality? Searching for alternatives that can help us in this task, we propose an approach with Paul Ricoeur's hermeneutics, more specifically with his threefold *mimesis* conception coined in “Time and narrative” and his relation between narrated time and built space, mentioned in the paper “Architecture and narrativity”. According to the French philosopher himself, the built space can be understood from its narrative elements, where there would be the possibility of interpreting the spatialities constitution from the threefold *mimesis*, or from the configuration (*mimesis* II) mediating role between prefiguration (*mimesis* I) and

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, Bolsista CAPES, [hmarandola@yahoo.com.br](mailto:hmarandola@yahoo.com.br);

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, Bolsista CAPES, [alex.orengo@yahoo.com.br](mailto:alex.orengo@yahoo.com.br);

<sup>3</sup> Professor Titular no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, [faustogilfilho@gmail.com](mailto:faustogilfilho@gmail.com);



refiguration (*mimesis* III). Therefore, we consider that narrative is full of memories, which are not necessarily succession, they are narrated presentifications of a certain moment, highlighting this relationship between the memory of the past phenomenon presentified by a narrative and spatial relationship. The challenge we set ourselves, is to reflect on the possibility of the threefold *mimesis* to compose as a procedure for understanding narratives that configure spatialities.

**Key words:** Spacialities, Threefold *mimesis*, Phenomenology, Cultural Geography, Hermeneutics.

## CONTORNOS INICIAIS

No contexto das abordagens culturais na Geografia, talvez desde o momento em que Denis Cosgrove (2012) propôs compreender a paisagem como um texto a ser lido, mas também a partir de aproximações com abordagens fenomenológicas, alguns pesquisadores têm considerado a hermenêutica como uma possível forma de compreensão dos fenômenos espaciais. Não que essa preocupação nunca tenha figurado em estudos geográficos, mas nos parece que a partir dos anos 2000 esse tema tem se mostrado mais presente em algumas teses e pesquisas (SILVA, 2010; ARAÚJO, 2007; NEVES, 2020; ROJAS, 2001), com propostas de aproximações hermenêuticas na Geografia seja a partir de Heidegger, Gadamer, Ricoeur ou outros pensadores.

No âmbito da Geografia Cultural e da Geografia Humanista, o interesse pela hermenêutica emerge da busca de compreensão da realidade geográfica e como ela se revela e é revelada. Nesse sentido, buscando ampliar as formas de compreensão dos fenômenos espaciais, da constituição de espacialidades, nos propomos a estabelecer algumas aproximações embrionárias com o pensamento de Ricoeur (2010a; 2010b; 2010c), mais especificamente sua compreensão da tripla *mimesis* na configuração do tempo narrado. Mas como realizar o salto entre o tempo narrado, o espaço construído e a constituição de espacialidades? Em texto publicado originalmente em 1998, e que acaba de ser traduzido para o português, Ricoeur (2021) nos aponta caminhos para essa tarefa ao pensar sobre as relações entre “Arquitetura e narrativa”.

Neste ensaio, nos propomos a seguir as sendas abertas por Ricoeur (2021) e considerar a possibilidade de compreender a constituição de espacialidades a partir de sua tripla *mimeses*, onde os lugares, as paisagens as cidades podem ser “lidas” a partir de seus elementos narrativos que transitam entre os níveis da experiência, do simbólico



e do concreto, e esperamos ampliar as possibilidades de estudos no campo geográfico, em especial de cunho fenomenológico e hermenêutico.

Para que possamos iniciar essa aproximação entre a tripla *mimesis* ricoeuriana e a constituição de espacialidades apresentaremos brevemente uma contextualização da hermenêutica ricoeuriana, a proposta do autor ainda em “Tempo e narrativa” e sua posterior reflexão da relação espaço-temporal.

## **APROXIMAÇÕES COM A HERMENÊUTICA DE RICOEUR**

Parece importante, ao nos aproximarmos das perquirições de pensadores mapear os contornos de sua produção e aqui, em se tratando de um humanista, que se tenha também uma noção da concepção de ser humano envolvida em tais ponderações; ponto que adquire importância quando da interface, como propomos, com a Geografia Cultural.

A tradição fenomenológica e hermenêutica são os preceitos sobre os quais Ricoeur desenvolveu seus trabalhos, visando como questão central o que é e o que envolve o agir humano. Desta forma, toda a sua obra poderia ser caracterizada como uma ontologia da ação à qual tudo se subordina (GOMES, 1995), inclusive, o ponto que aqui nos interessa: sua hermenêutica simbólica e nela, a teoria da narratividade. O pensamento de Ricoeur, embora pareça desarticulado, apresenta um direcionamento que se inicia na fenomenologia, convertendo-se em hermenêutica; com influências de Husserl, Mounier e Marcel. Conseguindo neste movimento, abordar e permitir inferências, sobre a temática do agir, hermenêutica, simbolismo, discursividade, ética, religião e os mais variados campos aos quais se volta a intenção do sujeito (MORI, 2012). Desta forma, ao se concentrar, a partir da década de 1990, na hermenêutica, Ricoeur passa a trabalhar em campos como o imaginário, a metáfora, o simbolismo, a subjetividade, a linguagem e para a ação e a narratividade. Embora a preocupação com o humano e o seu agir tenham se mantido sempre como a essência de suas pesquisas (RICOEUR, 1995; FONSECA, 2009). A partir da visão ricoeuriana, o ser humano é entendido fundamentalmente como um ser linguístico. Apesar de manifestar em variadas formas, é a linguagem simbólica que chama a atenção de Ricoeur e fundamenta



sua hermenêutica, na medida em que as narrativas se utilizam da linguagem ao expressar as experiências vivenciadas pelos sujeitos conferindo aos relatos o seu caráter simbólico (RICOEUR, 1995; CORÁ; SILVA, 2014).

Para Ricoeur (1995), este sujeito linguístico, não tem possibilidade de se conhecer diretamente; a não ser através de uma constante interpretação. Este é, portanto, o fundamento de sua hermenêutica: através da interpretação de suas experiências que o sujeito pode aceder a si. Em suma, uma interpretação que media o acesso do indivíduo a si próprio. Desta forma Ricoeur (1995) propõe que o objeto desta interpretação mediadora, seja o outro, seja o si mesmo ou suas experiências, sejam interpretados como discursos; o que nos insere efetivamente em um universo de disposições hermenêuticas (GOMES, 1995; FONSECA, 2009). Avançando nesta direção, uma vez que o sujeito ricoeuriano é linguístico e desta forma um indivíduo que se coloca, age e se estabelece simbolicamente, desta forma o símbolo leva à hermenêutica, pois implica-se uma interpretação do símbolo e essa interpretação conduz à hermenêutica (GOMES, 1995). Percebe-se assim, como corolário desse raciocínio, que o humano possui uma estrutura hermenêutica e que “compreender é compreender-se diante de um texto”, conforme resumem Corá e Silva (2014). Mas ainda explorando o pensamento de Ricoeur, os pesquisadores demonstram que a visão do filósofo permite entender que o ato do conhecimento, via interpretação, é o desvelamento de uma história; e uma história que é identificada como texto. Daí o sujeito, não só produzir e reproduzir textos na medida em que age, mas estar necessariamente imerso em um mundo de textos – a intersubjetividade narrativa ricoeuriana – um mundo das obras.

Desta forma, o ato de interpretar para Ricoeur (1986; 1995) encerra interpretação como uma de suas etapas, constituída de: uma fase subjetiva, que se refere à intenção do locutor e outra objetiva, conduzida pelo conteúdo proposicional do discurso – seu objeto. E sobre tais bases Ricoeur estabelece sua hermenêutica, formatando a partir daí o seu círculo hermenêutico, resumindo nele sua teoria da interpretação, estabelecida sobre a sua teoria do discurso.

A teoria discursiva ricoeuriana entende que o sujeito estabelece o evento de estabelecimento do seu discurso, entendido sempre como ação, a partir de um referente no mundo e da relação do sujeito com ele. Há assim uma significação deste referente



empreendida pelo indivíduo, estabelecendo-se o discurso. Sobre esta estrutura Ricoeur entende que justapõe o círculo hermenêutico. O movimento do círculo hermenêutico acontece a partir do primeiro contato com o texto, onde uma primeira conjectura é estabelecida. Esta conjectura, assim como também todas as conjecturas possíveis de serem estabelecidas como consequências da interpretação do texto, não são a somatória simples das muitas partes do texto, mas sim a visão geral do conjunto destas partes. Uma dinâmica que prevê a passagem constante do todo às partes e das partes ao todo. As conjecturas são então submetidas à validação, consistindo em uma abordagem mais objetiva do texto, sendo chamada de “conhecimento científico do texto” (GOMES, 1985). Estes movimentos todos caracterizam para Ricoeur o que ele chama de interpretação.

Sobre este construto hermenêutico, Ricoeur avança em suas perquirições, buscando aprimorar sua visão sobre a interpretação, aprofundando o estudo das narrativas e suas vinculações e conexões com o tempo e com o espaço.

### **A TRIPLA *MÍMESIS* EM RICOEUR**

Buscando estabelecer uma correlação entre o caráter temporal da experiência humana e o ato de narrar, Ricoeur (2010a) percorre um longo caminho em sua primorosa obra “Tempo e narrativa”. Neste ensaio, nos contentaremos apenas em contextualizar uma etapa importante desse percurso, que foi colocar em diálogo a “Poética” de Aristóteles e as “Confissões” de Santo Agostinho, o que resultou na elaboração da “tripla *mimesis*” ricoeuriana.

A partir da tese de que “o tempo narrado torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal”, ou seja, preocupado com a mediação entre tempo e narrativa, Ricoeur (2010a, p. 93) estabelece sua análise a partir da prefiguração (*mimesis* I), configuração (*mimesis* II) e refiguração (*mimesis* III), como um desdobramento da intriga aristotélica em uma composição da intriga (pôr-se-em-intriga). Pode-se dizer que o autor reconhece a dimensão temporal da existência humana e destaca a narrativa como uma característica fundamental dessa



dimensão. Temos então uma dimensão temporal da existência humana e a narrativa perpassa por essa existência enquanto experiência temporal.

Em sua obra, o autor se debruça sobre a constituição de textos narrativos e propõe que esses devem ser compreendidos a partir do conjunto das operações miméticas, sendo que a configuração é a mediadora entre o antes e o depois do texto, entre a prefiguração do campo prático e a refiguração pela recepção de uma obra (RICOEUR, 2010a, p. 95).

A *mimesis* I, ou prefiguração, se recosta no cotidiano, uma pré-compreensão do agir humano. Em verdade, como o autor se refere à narrativa, se trata portanto de uma imitação ou representação<sup>4</sup> do agir humano, destacado em três aspectos: estruturais, simbólicos e temporais.

A função de mediação da *mimesis* II, que a coloca entre o antes e o depois da configuração, é o que chama a atenção de Ricoeur. Ela se caracteriza por uma operação dinâmica, o que o autor denomina de composição da intriga. São três as características que fazem da composição da intriga a mediadora: intertextualidade, concordância-discordância e síntese do heterogêneo (RICOEUR, 2010a, p. 114-115).

A narrativa, ou o texto, não se encerra em si mesmo, é na *mimesis* III, com o ato de leitura, onde atinge seu sentido pleno. Uma intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte, uma refiguração do mundo configurado pela narrativa em um mundo da ação humana.

De maneira bastante simplificada, a concepção da tripla *mimesis* para Ricoeur (2010a), se configura como uma espiral sem fim, um encadeamento entre prefiguração e refiguração, sempre mediados pela configuração. Dessa forma, os diferentes estágios da *mimesis* ressurgem incessantemente no círculo hermenêutico da narrativa e do tempo (RICOEUR, 2010a, p. 130). A ação humana no nível da experiência prática, do cotidiano, mediada pela composição da intriga configura narrativas que, por sua vez,

---

<sup>4</sup> Ricoeur (2010a, p. 81-82) destaca que ao traduzir por imitação ou representação o sentido que Aristóteles dá ao termo *mimesis*, e que ele é tributário, deve-se ter em mente uma “imitação criativa” ou a representação não como uma “duplicação de presença”. O autor reforça essa noção dizendo que “imitar é elaborar uma significação **articulada** da ação” (RICOEUR, 2010a, p. 96), demonstrando o caráter criativo e dinâmico da noção de *mimesis*.



abrem possibilidades de refigurar mundos com o ato de leitura, retornando para prefiguração no âmbito do agir humano e assim por diante.

Para Ricoeur (2010a), essas operações miméticas auxiliam na compreensão da experiência do **tempo** humano via mediação entre tempo e narrativa, não tendo um fim em si mesmas. De que forma então, será possível aproximar a tripla *mimesis* da constituição de espacialidades?

Mais de 20 anos depois de escrever “Tempo e Narrativa”, Ricoeur (2021) nos abriu um caminho fértil para pensarmos possíveis aproximações entre sua proposta de mediação entre tempo e narrativa em relação às espacialidades do ato de construir com o texto “Arquitetura e narratividade”, publicado originalmente em 1998. Com a feliz coincidência de a tradução para o português ser publicada no processo de escrita desse ensaio em 2021, esse importante texto abre algumas possibilidades de diálogo, das quais nos deteremos nas analogias e paralelismos entre tempo narrado e espaço construído, entre narratividade literária e narratividade arquitetônica, por meio da tripla *mimesis*.

Ao propor um paralelismo entre o narrar e o construir, Ricoeur (2021, p. 152) busca dilatar sua proposta de compreensão da *mimesis* como mediação entre tempo e narrativa para incluir também um caráter espacial em sua análise, “enredar na espacialidade da narrativa e na temporalidade do ato arquitetônico por uma dupla permuta do espaço-tempo”.

Nesse contexto, importante destacar que Ricoeur (2007) distingue o espaço geométrico do espaço vivido, não como oposições, mas como polos de uma mesma experiência, ou relação. A arquitetura figura uma noção privilegiada para compreender essa relação, principalmente a partir do espaço construído.

É nos confins do espaço vivido e do espaço geométrico que se situa o ato de habitar. Ora, o ato de habitar não se estabelece senão pelo ato de construir. Portanto, é a arquitetura que traz à luz a notável composição que formam em conjunto o espaço geométrico e o espaço desdobrado pela condição corpórea (RICOEUR, 2007, p. 157).

O autor busca em Merleau-Ponty os princípios para pensar o corpo, “esse aqui absoluto”, como uma base ou referência tanto para o espaço como para o tempo (RICOEUR 2007, p. 157). Refletindo sobre as alternâncias entre repouso e movimento



surge a noção do ato de habitar e a relação que o corpo mantém com o espaço-tempo, sendo uma relação com suas próprias alternâncias, como o deslocamento e o abrigo, por exemplo.

Retomando a analogia com a arquitetura, considerando a indissociabilidade entre espaço e tempo, o autor abre caminho para pensarmos numa dialética entre as temporalidades expressas no projeto arquitetônico e as espacialidades configuradas pela narrativa, possibilitando assim uma reflexão das espacialidades a partir da tripla *mimesis*. Dessa forma, ao pensar o ato de construir a partir da *mimesis*, os três estágios passam por operações semelhantes aos do tempo narrado: na prefiguração há o ato de habitar; a configuração como o ato de construir propriamente dito; e, a refiguração como a releitura das habitações.

No nível da **prefiguração**, que em relação à narrativa se recai sobre o cotidiano, com relação ao espaço se trata da necessidade básica do habitar, construir um abrigo. Portanto, Ricoeur (2021) pensa nesse primeiro estágio a partir do binômio “habitar-construir”, que vincula-se ao mundo da vida (o *Lebenswelt* husserliano) e implica uma diversidade de operações que remetem à arquitetura, ou podemos dizer, à constituição de espacialidades. Desde proteger o hábitat com um telhado, delimitar com paredes, abrir portas e janelas, passagens, locais de descanso e alimentação, jogo de sombras e luzes. Mas para além do abrigo em si, há também o entorno, caminhos, estradas, trilhas, praças, plantações... que também integram o ato de habitar-construir. Portanto, espaços de circulação ou de permanência, os espaços construídos constituem espacialidades onde ocorrem as interações da vida (RICOEUR, 2007).

Ricoeur (2021, p. 156) vê uma “dimensão temporal e narrativa” no projeto arquitetônico, constituindo um paralelismo tão estreito com sua concepção de narrativa, “a tal ponto que se tornará legítimo falar de narrativa arquitetônica”. No estágio da **configuração**, o ato de construir, ou de configurar o espaço, toma emprestado a temporalidade da narrativa. Da necessidade de habitar ao ato de construir há uma simultaneidade, uma configuração do espaço construído pelo ato de habitar-construir, “o espaço construído é tempo condensado” (RICOEUR, 2021, p. 157). O autor associa este ato “configurador” à destruir e reconstruir, também relacionando narrativa literária à narrativa arquitetônica. Da mesma forma como novas narrativas se sobrepõem às



antigas ao mesmo tempo levando-as em consideração e trazendo novos elementos, as novas construções levam em conta os modos e atos de habitar anteriores, mas também o novo ato “configurador” projeta novas maneiras de habitar que se integram ao emaranhado de histórias de vida passadas.

Para Ricoeur, a narrativa não se encerra no texto, mas seu trajeto ainda persegue o caminho num encontro com o leitor, no estágio da **refiguração**. Assumido o ato de ler, o texto traz uma capacidade de clarear a vida do leitor, de revelar o oculto, uma dialética: revelar, mas também transformar. “O que encontramos aqui, ao mesmo tempo, é, no que diz respeito ao construído, a possibilidade de ler e reler os nossos lugares de vida do ponto de vista do nosso modo de habitar. Direi imediatamente que a força do modelo de leitura é excelente para reavaliar o ato de **habitar**” (RICOEUR, 2021, p. 159, destaques no original). Nesse encontro entre o espaço construído e o leitor, a pessoa que habita, há o confronto entre as expectativas carregadas no ato da leitura com as proposições de sentido do projeto arquitetônico ou da construção em si. No binômio habitar-construir, abrem-se possibilidades de novas formas de habitar, novas formas de construir e assim sucessivamente, como numa espiral sem fim a que se refere Ricoeur (2010a).

Encontramos mais alguns elementos sobre a relação entre o ato de construir e o tempo narrado no livro “A memória, a história, o esquecimento”, onde Ricoeur (2007) retoma brevemente suas reflexões expostas no texto “Arquitetura e Narratividade” (RICOEUR, 2021).

Entre o tempo “narrado” e o espaço “construído”, as analogias e as interferências abundam. Nem um nem outro se reduzem a frações do tempo universal e do espaço dos geômetras. Mas eles tampouco lhes opõem uma alternativa franca. O ato de configuração intervém de uma e outra parte no ponto de ruptura e de sutura dos dois níveis de apreensão: o espaço construído é também espaço geométrico, mensurável e calculável; sua qualificação como lugar de vida superpõe-se e se entremeia a suas propriedades geométricas, da mesma forma como o tempo narrado tece em conjunto o tempo cósmico e o tempo fenomenológico. Seja ele espaço de fixação no qual permanecer, ou espaço de circulação a percorrer, o espaço construído consiste em um sistema de sítios para as interações mais importantes da vida. Narrativa e construção operam um mesmo tipo de inscrição, uma na duração, a outra na dureza do material. Cada novo edifício inscreve-se no espaço urbano como uma narrativa em um meio de intertextualidade. A narratividade impregna mais diretamente ainda o ato arquitetural na medida em que este se determina em relação com uma



tradição estabelecida e se arrisca a fazer com que se alternem renovação e repetição (RICOEUR, 2007, p. 159).

É particularmente interessante a forma como o filósofo compreende o espaço construído para além do espaço geométrico. No contexto da Geografia Cultural ou da Geografia Humanista, pode-se dizer que essa é uma questão superada, desde que geógrafos como Tuan e Buttimer, por exemplo, se aproximaram de abordagens humanistas, culturais e que passaram a compreender lugares e paisagens também a partir da subjetividade humana. No entanto, Ricoeur (2007; 2021) destaca a presença de elementos narrativos no espaço construído, abrindo outras possibilidades de compreensão de lugares e paisagens, em especial, cidadinas.

É na escala do urbanismo que melhor se percebe o trabalho do tempo no espaço. Uma cidade confronta no mesmo espaço épocas diferentes, oferecendo ao olhar uma história sedimentada dos gostos e das formas culturais. A cidade se dá ao mesmo tempo a ver e a ler. O tempo narrado e o espaço habitado estão nela mais estreitamente associados do que no edifício isolado. A cidade também suscita paixões mais complexas que a casa, na medida em que oferece um espaço de deslocamento, de aproximação e de distanciamento. É possível ali sentir-se extraviado, errante, perdido, enquanto que seus espaços públicos, suas praças, justamente denominadas, convidam às comemorações e às reuniões ritualizadas (RICOEUR, 2007, p. 159).

Se há elementos narrativos no espaço construído das cidades, podemos interpretá-los ou compreendê-los a partir da tripla *mimesis* ricoeuriana, como o próprio filósofo propõe (RICOEUR, 2021). No entanto, pode-se questionar se essa não seria uma tarefa mais direcionada à arquitetura e ao urbanismo, como destaca o filósofo, uma vez que a materialidade do espaço construído parece ter mais evidência a partir dessa perspectiva. Esse é um argumento questionável, mas que não nos deteremos sobre ele, pois o próprio Ricoeur (2007), ao pensar sobre as relações entre o espaço habitado e a memória, destaca o papel da geografia nessa tarefa e chega a apontar a possibilidade de uma ontologia do espaço habitado. No entanto, reforça que “é preciso proceder do espaço construído da arquitetura à terra habitada da geografia” (RICOEUR, 2007, p. 160).

Nossas reflexões seguem nesse sentido, nos aproximar do pensamento de Ricoeur (2007; 2010a; 2010b; 2010c; 2021) na busca de compreender a constituição de



espacialidades a partir de seus elementos narrativos. Se ampliarmos essa compreensão e dialogarmos com a noção de pregnância simbólica, presente na filosofia de Cassirer (2012), podemos pensar em diversas possibilidades de interpretação das espacialidades, ou na forma como elas se constituem. Ao trazermos essa discussão para a geografia, podemos considerar que há relações no plano narrativo que dão um manto de sentido ao real. Essa narrativa não é o real em si, mas é fruto de uma pregnância, por que o real que se percebe já é prenhe de sentido, e esse sentido pode ser manifesto como narrativa, criando uma tessitura de sentidos.

Mas, se no próprio ato da percepção já há sentido pregnante, e se há um pôr-se-em-intriga na constituição de sentidos ao narrar, como se poderia interpretar ou compreender esse processo, ou essa operação?

É aqui que propomos a tripla *mimesis* como uma possibilidade de compreender a constituição de espacialidades a partir de seus elementos narrativos, tanto simbólicos como concretos.

## **TEMPO NARRADO, ESPAÇO CONSTRUÍDO E A CONSTITUIÇÃO DE ESPACIALIDADES**

Ricoeur (2021, p. 152) fala da arquitetura como tendo uma condição inerente de “tornar presente o que já não é, mas o que passou pelo que já não é”. Mas este traço de memória de espacialidades, Ricoeur (2021) percebe que não se restringe somente ao construído, à obra arquitetônica; fica marcado no sujeito e pode ser observado quando dizemos que **ali estivemos**, que **estávamos ali**, pois estão marcadas na linguagem, também. Uma vez que a linguagem é simbólica, traduzindo o relacionamento do sujeito com o mundo, caracterizado pelas muitas espacialidades que se estabelecem a partir da interpretação feita do mundo e expressa através da linguagem, é possível a admissão do ser humano como um ser simbólico (GOMES, 1995; RICOEUR, 1995; FONSECA, 2009). Assim, diante deste cenário, o que nos traz o filósofo francês é justamente a transcendência dos símbolos, sejam marcados nas obras como na linguagem, ou como diz Ricoeur (2021) na arquitetura e na narratividade.



As obras expressas na arquitetura, para Ricoeur (2021), não se referem restritamente à forma ou design, mas ao conjunto da construção concreta, física, pensada em sua conformação para que um sentido primeiro, pensado, desejado àquela construção, àquele espaço, tivesse aquela aparência expressa, materializada, demonstrada, externalizada; que houvesse ali naquela construção, naquele prédio, naquela casa, naquela praça, no traçado das ruas, no projeto das cidades enfim, uma materialização do que de sentido havia quando aquele espaço foi pensado, quando ele foi concebido. Portanto, este sentido inicial, este propósito ou essa espacialidade, encontra-se ali registrada, caracterizando assim, não só as espacialidades, mas a própria narrativa das espacialidades; uma vez que aquela construção foi concebida e materializada da maneira como se apresenta e não de outra. Porque se de outra forma tivesse sido construída, o discurso, a narratividade, seriam outros. Não necessariamente o sentido, uma vez que existem muitas maneiras de se dizer alguma coisa, mas a forma de dizer sim, seria outra. De qualquer forma, há também a possibilidade de que o sentido fosse outro, obviamente.

Pela abordagem de Ricoeur (2021) quando fala do **estive ali**, há inegavelmente um vínculo com o espaço, pois o **ali** carrega isso em seu simbolismo. Mas mais que isso, Ricoeur (2007) entende que nesta expressão, que traduz algo acontecido em um tempo passado e assim trazido ao presente no discurso, há portanto uma lembrança do fato passado no presente, permitindo o encontro do antes do tempo vivido com o espaço vivido da percepção. Interessante notar que há uma migração do tempo ao espaço, através da vinculação entre memória e historiografia; o signo vinculado ao estive ali, é transferido ao agora, mas também para um outro espaço; um signo que migra tanto nos tempos – antes e agora – quanto nos espaços – ali e aqui – quase permitindo uma associação de identidade, talvez até de igualdade, entre o antes e o ali, bem como do aqui e do agora.

Esta condição, nos permite inferir que esta lembrança é espacial, portanto espacialidade; acontece ligada, relacionada com um determinado espaço; um acontecimento, um fato, acontecido em algum lugar e desta maneira, espacializado.

Na sequência desta reflexão, que apresenta o mesmo fundamento mas somente expresso de outra forma, está a própria construção onde o fato aconteceu; como pontua



Ricoeur (2021) ao dizer que a construção faz presente o que não existe mais. Pois aquelas espacialidades que aconteceram ali, de fato ali não estão, mas são trazidas ao presente, trazidas à consciência enquanto fenômenos e assim reais e presentes, nesse movimento que chamamos memória. Houve ali, na construção, uma espacialização (quando o sujeito esteve ali), está acontecendo uma espacialização (o sujeito frente a construção) e se recorda de uma espacialização (quando o sujeito esteve ali e viveu a primeira espacialização). E embora as espacialidades passadas não estejam mais na construção, o sentido que as fez existir ainda está. E este pode ser lido, ainda. Tessituras que Ricoeur (2021, p. 152) apresenta ao dizer: “Adoto, portanto, em minha reflexão, dois pressupostos: por um lado, tornar presente a anterioridade do que já foi e, por outro lado, concretizá-lo através do discurso, mas também através de uma operação fundamental de pôr-se em narrativa (*mise en récit*), que eu identifico como ‘configuração’”.

Complementando que, em sua visão, as construções são para o espaço, o que a narrativa é para o tempo, o que embasa suas afirmativas quanto a fundição da espacialidade das narrativas com a temporalidade das construções, pois há um intercâmbio entre espaço e tempo, que tem nessa aproximação, uma de suas constatações (RICOEUR, 2021).

Podemos ainda buscar uma ligação mais clara na própria hermenêutica ricoeuriana, conforme aponta Gomes (1995), uma vez que se admite a possibilidade de se utilizar a hermenêutica para interpretar algo além de textos, pois os símbolos estão no limite entre a linguagem e a vida, vida que se faz linguagem; nos permitindo uma reportação ao mundo da obra, como Corá e Silva (2014) destacam em sua reflexão. Um mundo que transcende a própria linguagem, e mais especificamente a fala e a palavra verbalizada, emitida e proferida. Um mundo que é discurso na forma mais ampla possível, abarcando tudo: o simbólico, as espacialidades, o tempo e o espaço. Um mundo plasmado por atos proposicionais acontecendo no espaço, pois o discurso ao ser materializado torna-se perene e assim, deixa de ser acontecimento para ser ato proposicional. Um espaço, destarte, retratando desta forma, espacialidades. Como consequência, na medida em que as representações amalgamadas com o auxílio da linguagem manifestam não só a interpretação do sujeito sobre o mundo, como a



plasmação deste mundo e as consequentes interatividades do sujeito com este mundo, podemos inferir que linguagens expressam espacialidades. Então, ao interpretar hermeneuticamente a linguagem, ou as narrativas, em suma, os discursos, o mundo da obra de forma ampla, interpretamos, identificamos e caracterizamos, espacialidades. Estabelece-se agora a dupla função desta hermenêutica: “[...] reconstruir a dinâmica interna do texto e restituir a capacidade de a obra se projetar para fora na representação de um mundo que eu poderia habitar”<sup>5</sup> (RICOEUR, 1986, p. 32). Sendo isso verdade para o tempo e para o espaço; para as narrativas e para a arquitetura; para a memória e para as espacialidades. Permitindo assim o trânsito e a aplicação das três *mímesis* entre ambas e em todas estas expressões do humano.

É interessante esta linha de pensamento de Ricoeur (1995) porque aponta para as possibilidades e condições das relações que o sujeito pode estabelecer com o espaço através das contingências envolvidas no universo da linguagem e de seu simbolismo, abrindo-nos a perspectiva de falar em espacialidade das narrativas. Uma vez que essas, expressas através da linguagem, traduzem o simbólico e este é estabelecido por meio da relação do sujeito com o mundo e da leitura que se estabelece a partir destas relações, pois na medida em que o ser humano interage com o mundo e dele passa a ter consciência, passa a estabelecer referências, em significações caracteristicamente simbólicas, que por fim serão expressas na linguagem.

## CONTORNOS FINAIS

A partir dessas primeiras aproximações com a noção de tempo narrado e espaço construído, vislumbramos aberturas proporcionadas pelo pensamento de Ricoeur (2010a; 2010b; 2010c; 2021), como a constatação de que, embora a experiência do tempo humano seja mediada pela narrativa, esta não acontece desvinculada do espaço, uma vez que consideremos o espaço-tempo como indissociáveis. A narrativa está imersa em espacialidades: nas memórias, nas lembranças ou em casos passados. A constituição de espacialidades estaria então sujeita a uma interpretação de seus

---

<sup>5</sup> Tradução livre de: “[...] reconstruire la dynamique interne du texte, restituer la capacité de l'oeuvre a se projeter au-dehors dans la représentation d'un monde que je pourrais habiter”.



elementos narrativos por meio da prefiguração, configuração e refiguração (a tripla *mimesis*). Poderíamos até aventar a hipótese de que narrativa e espacialidades são expressões irmãs, diferentes, do mesmo processo: nosso relacionamento com o espaço. Sendo que aquela, acontece com o uso do tempo, mas ambas, no e com o espaço. O que justifica a transitoriedade das ciências nestas duas entidades, permitindo então que, com as devidas adaptações ou transcrições, a hermenêutica possa nos auxiliar na leitura e entendimento das espacialidades. Caracterizando inclusive uma autonomia da dinâmica espacial e consequentemente das espacialidades. Permitindo a inversão da equação: um tempo e portanto, uma narrativa, que acontecem no espaço. Um tempo e uma narrativa, que por receberem também cada um, na sua especificidade, a sua respectiva carga de simbolismo, de significação, poderiam ser também chamados de espacialidades. E talvez nos permitindo lançar uma hipótese para análises futuras no seguinte sentido: sendo este espaço de ação uma tessitura de espacialidades, poderia ser o tempo a sequência ou o desenrolar destas mesmas espacialidades?

No entanto, não pretendemos com essas reflexões propor uma geografia em Ricoeur. Antes, pensamos uma geografia das espacialidades que lança mão de um diálogo com o pensamento desse filósofo, na busca de emancipar as espacialidades, para que assim possamos compreendê-las enquanto realidade geográfica. Portanto, o texto “Arquitetura e narratividade” (RICOEUR, 2021) nos abre possibilidades de diálogo, aberturas para pensarmos os elementos narrativos envolvidos na constituição de espacialidades e, por meio da tripla *mimesis*, nos fornece alternativas para a compreensão dos fenômenos espaciais.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Luiza Grossi. **Ciência, fenomenologia e hermenêutica**: diálogos da Geografia para os saberes emancipatórios. Tese (doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

CORÁ, E. J.; SILVA, L. B. O. A ação como um texto na obra de Paul Ricoeur. Impulso. Piracicaba, nr. 24(59), Jan/Jun,15-23, 2014.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2012.



COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 219-237.

FONSECA, M. J. M. Introdução à hermenêutica de Paul Ricoeur. **Millenium – Journal of Education, Technologies and Health**, n. 36, v. 14, Mai/2009.

GOMES, I. Ricoeur e a intersecção de múltiplas abordagens filosóficas. In: RICOEUR, P. **Teoria da Interpretação**. Porto: Porto Editora. 1995.

MORI, G. A teoria do texto e da narração de Paul Ricoeur e sua fecundidade para a teologia. **Teoliterária**, v. 2, nr. 3, 41-71, 2012.

NEVES, Mariana Rodrigues da Costa. **A atitude fenomenológica e sua importância para a Geografia**: desdobramentos atuais, diálogos metodológicos e concepções ontológica-hermenêutica da geograficidade das paisagens. Tese (doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.

RICOEUR, P. **Du texte al'action**: Essais d'hermeneutique, II. Paris: Editions du Seuil. 1986.

RICOEUR, P. **Teoria da Interpretação**. Porto: Porto Editora. 1995.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1: A intriga e a narrativa histórica. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 2: A configuração do tempo na narrativa de ficção. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 3: O tempo narrado. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010c.

RICOEUR, Paul. Arquitetura e narratividade. **Geograficidade**, v. 11, n. especial, p. 151-160, 2021.

ROJAS, Juan Carlos Gómez. La experiencia cultural del espacio: el espacio vivido y el espacio abstracto. Una perspectiva ricoeureana. **Investigaciones Geográficas**, Boletín del Instituto de Geografía, UNAM, n. 44, p. 119-125, 2001.

SILVA, Ana Cristina da. **O pensamento geográfico brasileiro na travessia do século XX para o XXI**: o território na trama das significações imaginárias. Tese (doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2010.